Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 396

21 DE DEZEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A nossa chronica de hoje é a chronica do fim do anno, a ultima que o Occidente publica em 1889, e por isso vamos tratar de liquidar n'ella todos os assumptos pendentes. de encerrar tanto quanto possivel as contas em aberto, para podermos mais desafogadamente, ao entrar no anno que vem, abrir conta nova ao anno de 1890.

Felizmente os acontecimentos d'estes ultimos dez dias não foram muitos e permittem-nos fazer essa liquidação.

O mais importante d'esses acontecimentos não pertence pela sua naturesa especial aos assumptos d'esta secção; a questão diplomatica com a Inglaterra por causa dos Makololos.

Essa questão assumiu um caracter de gravidade que a tem feito muito fallada não só em Portugal e na Inglaterra, como tambem em todos os principaes centros politicos da Europa; exactamente porém por esse seu caracter politico nos abstemos de fallar d'ella aqui, seguindo a inquebrantavel reserva, que em toda a nossa vida, temos conservado rigorosamente, de tudo quanto, de perto ou de longe, prende com essa coisa, que de dia para dia menos comprehendemos e mais detestamos e que se chama—politica.

Posto portanto de parte este assumpto, os outros acontecimentos d'estes ultimos dias são poucos e não nos levam nem muito espaço nem muito tempo.

O baptisado do infante D. Manuel, o segundo filho de El-Rei D. Carlos realisou-se no dia 18 do corrente mas foi feito á capucha não dando, portanto, muito que fazer á chronica.

Para assistir a esse baptisado chegou a Lisboa no dia 16 o senhor conde de Paris, avô materno e padrinho do neophyto, e alojou-se no paço de Belem.

A madrinha do infante D. Manuel foi como já se sabe, sua avó paterna, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.

O baptismo foi ministrado a sua alteza pelo sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e o neophyto foi levado á pia baptismal pela sr.ª condessa de Sabugosa, dama de sua magestade a Rainha D. Amelia, por se achar bastante doente e impossibilitada de sahir de casa, a camareira mór, a sr.ª duqueza de Palmella.

Apesar do baptisado ser feito á capucha o dia foi considerado de grande gala, havendo feriado nas repartições, salvas ao meio dia, e á noite illuminação nos edificios publicos.

Depois da ceremonia Suas Magestades offereceram no Paço de Belem um magnifico *lunch* ás pessoas que assistiram ao baptisado.

O sr. conde de Paris demora-se uma temporada em Lisboa e assistirá á acclamação de seu genro, solemnidade a que virá tambem assistir a sr.ª condessa Paris e sua alteza a Princeza Helena de Orleans, irmã da Rainha D. Amelia, que actualmente estão em Madrid de passagem para Lisboa.

Para essa acclamação que se deve realisar no dia 28, fazem-se grandes preparativos sendo um dos principaes a conclusão da nova Avenida das Côrtes a rua de D. Carlos I, que é um dos melhoramentos mais importantes ultimamente feitos em Lisboa e mais rapidamente realisados.

A rua de D. Carlos é uma nova avenida, que do antigo Largo da Esperança vae ter em linha recta ao palacio das Côrtes, cortando parte do edificio do antigo convento da Esperança e da sua cêrca.

É uma avenida larga, arejada, espaçosa, bonita e que vem acabar com a serventia, até agora, indispensavel das soturnas, estreitas e vergonhosas rua dos Masttros e suas paralellas para a passagem para S. Bento.

Essa rua inaugura-se no dia da acclamação e é por ella que passa todo a cortejo,

Entre as festas annunciadas para solemnisar a acclamação d'el-Rei D. Carlos falla-se n'uma que nos parece extraordinariamente disparatada e que naturalmente, por isso mesmo, deixará de fazer-se, um fogo d'artificio no Tejo.

D. ARACELI DE APONTE

(Segundo photographia de F. Debas)

Um fogo d'artificio no pino do inverno, no fim de dezembro e d'um dezembro frio como o que está correndo, é uma idéa que só póde germiniar em miolos que estejam a arder.

As outras festas são uma parada na Avenida da Liberdade, onde se estão já construindo as tribunas para a familia real, côrte, corpo diplomatico e altos funccionarios assistirem ao passar das tropas.

Essas tribunas tem levantado justos protestos da imprensa, pois estão collocadas n'um sitio onde fazem grande pejamento e onde prejudicam o effeito geral da Avenida. Esses protestos, porém não tem sido ouvidos como é de costume e as obras lá continuam.

Na noite da acclamação haverá recita de gala em S. Carlos, e no dia immediato ou no outro jantar de 200 talheres no Paço da Ajuda.

A familia imperial do Brazil, uma illustre hospeda começou já a deixar o nosso paiz.

Suas altezas os condes d'Eu partiram no dia 17 para Sevilha d'onde seguirão para Cannes; suas magestades, o Imperador, a Imperatriz e o seu neto o sr. duque de Saxe partem por estes dias para o norte do paiz e em breve irão tambem para Cannes, que parece ser o sitio escolhido por suas magestades para a sua residencia fixa na Europa.

Antes de sahir de Lisboa o Imperador foi aos Jeronymos visitar o tumulo do grande historiador Alexandre Herculano, de quem sua Magestade era tão amigo e depoz sobre o mausoleu do emminente litterato uma corôa.

E eis rapidamente citados os principaes acontecimentos d'estes ultimos dias, e agora podemos cumprir a promessa feita na nossa ultima chronica e tratar dos assumptos que n'essa chronica não couberam

Um d'esses assumptos é o *Bibliothecario*, a peça nova do theatro de D. Maria e a respeito de theatro de D. Maria temos que fazer uma declaração, que explica uma falta gráve, que como chronistas do OCCIDENTE temos commettido. Como dissemos na nossa ultima chronica não tinhamos visto ainda o *Bibliothecario*; fomos vel-o ha noites e foi essa a primeira vez que n'esta epoca assistimos a um espectaculo no theatro de D. Maria e por signal achámos a inovação do sexteto, substituindo a orchestra, inovação excellente, que dá magnifico resultado, e que applaudimos immenso tanto mais que fomos nós, que n'este mesmo logar ha annos, quando se tratou da questão das orchestras nos theatros, lembrámos a vantagem enorme de substituir essas orchestras grandes e inuteis, que só serviam para tocar umas symphonias quaesquer na occasião do panno se levantar, por um sexteto, quinteto, ou quarteto, que tocando um programma escolhido de concerto, nos intervallos, diminuisse a semsaboria e a insipidez dos entreactos. Foi isso que a empreza de D. Maria fez agora e os magnificos resultados que está colhendo d'essa substituição da velha orchestra alegra-nos e dão completa razão ás considerações que fizemos quando lembrámos esse alvitre.

Como iamos dizendo porém foi há noites que pela primeira vez assistimos a um espectaculo no theatro de D. Maria e foi esse o unico motivo porque n'estas nossas chronicas não fallámos d'uma peça original em verso, d'um distincto collega nosso cujo brilhante talento muito presamos, a *Leonor Telles* de Marcelino Mesquita, que abriu esta epoca em D. Maria com notavel e ruidoso *successo*.

Por incommodo de saude não pudemos assistir, como tencionavamos e desejavamos, á primeira representação d'essa peça, que dada annos antes n'uma recita de amadores tivera brilhante exito; depois appareceram sempre embaraços a que vissemos a peça, e a *Leonor Telles* foi substituida depois de gloriosa vida pelo *Bibliothecario* sem que nós tivessemos occasião de a vêr.

Foi este o unico motivo porque a chronica do OCCIDENTE não fallou da *Leonor Telles*, e não de forma alguma por menos consideração pelo notavel talento do seu auctor, com cuja amisade e boa camaradagem ha muitos annos nos honramos.

E dada esta explicação fallamos do *Bibliothecario* esperando que a *Leonor Telles* volte de novo á scena, para então cumprirmos para com ella o nosso dever de chronista.

O *Bibliothecario*, uma peça de que a critica tem dito muito mal e com que o publico tem rido muito bem, justifica perfeitamente todo o mal que d'ella se tem dito e todas as gargalhadas que com ella se tem rido.

Como comedia o *Bibliothecario* não vale inteiramente nada, não tem enredo, não tem estudo de caracteres, não tem valor litterario, não tem sciencia theatral, não tem ditos, não tem inteiramente nada que a recomende, a não ser umas scenas de farça, muito disparatadas, muito mal preparadas, mas que fazem rir a bandeiras despregadas sobre tudo pelo esplendido desempenho que lhes dão os principaes artistas do theatro de D. Maria.

E esse desempenho é verdadeiramente primoroso.

Brazão no primeiro acto pareceu-nos que exaggerava muito o seu typo, que o carregava muito para o burlesco, mas depois de vermos o terceiro acto, comprehendemos o motivo d'essa *charge*; para dar aquella scena final do acto, que é deveras desoppilante, o typo não podia deixar de ser assim levado para o grotesco e se o verdadeiro bibliothecario fosse menos exotico, perdia-se o effeito d'essa scena que é a melhor da comedia. E sendo indispensavel esse typo, que Brazão creou, a sua intrepretação é excellente e ficará brilhando entre as creações burlescas mais desopillantes do theatro portuguez.

João Roza é mgnifico de bom humor de jovialidade, de veia comica do bom tom no seu papel:

Augusto Roza, soberbo no papel de alfayate que se quer metter na alta sociedade e a sua scena de bebedeira no 3.º acto — o melhor acto da peça — é magistral.

Ferreira da Silva faz excellentemente, com uma grande simplicidade o seu papel: Cesar de Lima é explendido no papel de tio excentrico, o homem terrivel que enche de pavor o bibliothecario: Augusto Antunes faz muito bem o seu papel, e Pinheiro apresenta um typo magnifico de policia inglez.

Os papeis de mulheres são deliciosamente representados pelas actrizes Roza Damasceno, Amelia da Silveira e Emilia Candida.

As duas primeiras tem uma scena encantadora no terceiro acto.

E são essas scenas interessantes que aqui e ali apparecem nos quatro actos mal feitos e muito descosidos da peça, que representadas esplendidamente, como o são, fazem um *successo* d'uma peça que vale muito pouco e a que falta o *savoir faire* e o espirito no dialogo das peças francezas.

E agora meus caros leitores, o espaço falta-nos e só nos restam duas linhas para lhes desejarmos sinceramente as boas festas, boas sahidas do anno que finda e boas entradas do anno que se aproxima.

Boas festas e até 1890 se Deus quizer, *Deo super omnia* como dizia sempre o velho padre Vicente, nas suas folhinhas que em tempos tanta voga tiveram.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

D. ARACELI DE APONTE

Todos devem recordar ainda ter visto e ouvido no Colyseu dos Recreios, em cujas ruinas se encontra hoje uma elegante estação de caminhos de ferro, aquella mocetona, ou o formoso original de uma andaluza, a quem a photographia tirou a copia, que illustra e adorna esta pagina.

Todos que frequentaram o colyseu devem, por certo, recordar D. Araceli de Aponte cantando varias *zarzuellas* onde jámais o nosso publico lhe regateou applausos, que tantos merecia.

Já então a novel artista se achava deslocada no genero de muzica hespanhola; e muitas vezes lhe notámos tendencia para rasgar mais largos horisontes na insondavel arte de Thalia. É que a sua potente voz, figura esculptural, vivacidade e a paixão no canto:—tudo lhe denunciava poder abandonar, de uma vez para sempre, os estreitos moldes em que a sorte havia circumscripto aquelle genio ainda nascente.

Aconselhámos-lhe que transhumasse para a muzica classico-italiana, onde a admiração publica por certo lhe faria justiça victoriando-a e cingindo-lhe a corôa de louros conquistada pelos seus grandes meritos.

Ouviu-nos attenta, e assim o foi emprehender.

Abandonando, pois, o genero da muzica de sua nação, começou de mostrar quanto póde a força de vontade, e lá se foi para Madrid, onde tractou de estudar com differentes maestros, de grande nomeada, os segredos do bello canto italiano.

Remontemos porém e primeiro, á sua infancia, embora a traços largos.

Desde os cinco annos, em que a humanidade só pensa em brinquedos e folganças, em que a intelligencia começa de bruxelear sem orientação, em que tudo lhe sorri alegria pela ausencia dos cuidados mundanos; porque a mente infantil de nada se preoccupa, começou logo de soffrer privações a pobre da creança, pois que a mingua de meios, era extrema, e só tinha para a consolar os carinhos da pobre mãe, sua companheira inseparavel. Sem recursos, uma e outra lá arrastavam a vida, trabalhando a pobre mãe para occurrer com os parcos lucros do labor honrado á creação da filhinha, onde constante se mirava como em um espelho.

Desdobraram os tempos e a mãe, no meio de sacrificios e com ajuda de almas boas, conseguiu dar á filhinha instrucção elementar, da que se não póde prescindir para os primeiros impulsos da vida.

Foi crescendo em corpo, robustecendo-se-lhe o espirito; e d'ahi surgiram a ambição e o orgulho, attributos de toda a humanidade. Ambição de progredir; orgulho de chegar ao trabalho remunerado para ir dando á mãe, a pouco e pouco, o juro do seu grande capital dispendido com ella, sempre no meio de lagrimas e sorrisos; juro de gratidão por tantos carinhos.

Revelando voz e grande melodia em suas canções ainda populares, que haviam sido escutadas por um mestre, ao passar junto da casa da moçoila, este, encantado por melodias tão sympathicas, offereceu-se-lhe para algumas licções gratuitas de rudimentos de muzica.

Assim foram succedendo-se os factos até que, ao apontar os seus quinzes annos, um emprezario de *zarzuella* induziu a mãe a consentir que a filha iniciasse carreira theatral.

Assim foi.

Incumbida de papeis secundarios, desde logo começou a revelar vocação no seu desempenho; e mais tarde os proprios meritos, avolumando com aturado estudo, a elevaram á cathegoria de primeira tiple bem estipendiada.

Eis, portanto, conseguido o tal juro. As necessidades foram desapparecendo; a tristeza da mãe converteu-se como que n'aquellas realidades amenas, depois de um pesadelo cançado.

Contractada, como foi, percorreu de triumpho em triumpho, diversas terras de Hespanha: *Saragoza, Pamplona, S. Sebastian, Murcia, Malaga, Gigon, Oviedo e Bilbáo*. Ganhava, então sessenta *reales* diarios, e com estes lucros se mantinham bem as duas, mãe e filha.

Emquanto durou o primeiro contracto theatral, estudou a valer, de modo que a sua crescida fama ía alargando por cima de despeitos e invejas, e as empresas disputaram-lhe a escriptura de novos contractos.

Em 1883 foi contractada pelo emprezario Cerecedo, o qual, mirando o exito feliz da gentil artista nos protogonistas de *Bocacio* e da *Mascotte*, a considerou muito, augmentando-lhe os vencimentos. Com esta escriptura cantou e representou em *Barcelona, Tarragona e Madrid*.

Mais ao depois veio escriptural-a o bem conhecido D. Maximino Fernandez, o qual, porque lhe causou grande enthusiasmo ouvindo-a na *Mascotte*, lhe offereceu o dobro do vencimento que ella percebia de Cereceda.

Percorreu então: *Valladolid, Vitoria, Burgos, Santander, Legrono, Salamanca*. Depois veio a Portugal, cantando no *Porto, Braga, Vianna, Aveiro, Figueira da Foz e Lisboa*.

Tendo tido época de trabalhar 14 e 15 recitas consecutivas, começou de soffrer algum tanto da larynge; e, por conselhos medicos, retirou á vida particular, tractando a insignificante enfermidade com applicação de aguas mineraes.

Desde 1886 que retirou da scena, devotando-se ao estudo da muzica classico-italiana; para o que entrou no conservatorio de Madrid, pondo de parte os louros colhidos até então.

Por circumstancias pecuniarias, visto que as proprias economias se iam extinguindo, e porque seu pae não pudera ter obtido collocação, d'onde auferisse para sustentar a familia, de novo volta ao theatro hespanhol, contractada pelo emprezario D. Manuel Barrilaro, que de novo a trouxe a Lisboa.

Depois, porque a sorte sorriu a seu pae em *Porto Rico*, este convidou-a a seguir a nova carreira, que tanto ambicionava, estabelecendo-lhe mezada, que lhe chegasse para retomar os estudos no conservatorio, onde já havia estado.

Esta noticia, ou boa nova do pae recebeu-a D. Araceli de Aponte, quando ainda estava no Porto.

N'essa época, fim de julho de 1886, ainda a *señorita* foi ás Caldas de Vizella para tomar as aguas e por meados de setembro é que segiu para Madrid. Esteve, pois, na zarzuella cerca de trez annos e trez mezes, durante cujo periodo executou as seguintes composições hespanholas; *Dos Pincezas, Anillo de hierro, La Tempestad, Bocacio, Mascotte, Jugar con fuego, D Juanita, La Guerra*

Santa, *Mosqueteros Grises*, *La Diva* e outras. Então ganhava onze duros diarios.

Quando D. Araceli de Aponte deixou, de todo, este genero de canto, vinham offerecer-lhe escriptura de dezeseis duros diarios para diversos theatros de Hespanha.

Tudo recusou.

Tornando, repetimos, ao conservatorio de Madrid, conseguiu em dois annos (de 1886 a 1888) fazer o curso de 6 annos de canto, o que prova a sua grande força de vontade, alta percepção e energia.

No dia 13 de janeiro de 1889 fez os seus exames perante notabilidades d'aquelle conservatorio; e n'um d'elles, dando-se-lhe para execução a cavatina da Norma, com tal mestria, fino gosto e arte se houve, que lhe conferiram o primeiro premio.

No dia 13 de março fez a sua estreia (debute) no theatro Real de Madrid, cantando a opera Gioconda. O publico madrileno, ao ouvil-a, irrompeu em grandes ovações, segundo referiram alguns collegas da imprensa de Madrid, com grande primor de linguagem.

A nova artista conhece já o seguinte reportorio de operas italianas: *Gioconda*, *Fausto*, *Roberto*, *Africana*, *Lucrecia*, *Lohengrin*, *Mephistofles*, *Aida*, *Ugonottes*, *Trovador*, *Carmen e Norma*.

*
* *

Estes largos traços biographicos da elegante artista são o preito e homenagem ao seu talento.

Não se pense, porém, que navegou em mar de rosas, não. Arrostou immensas privações, soffrendo os rigores de tempestades medonhas!

Porque:

A ruimdade humana; inveja dos confrades na arte, que a viam fulgurar como estrella brilhante no firmamento, e que lhe iam palpitando a fuga do aprisco acanhado para as amplas campinas floridas da arte; d'outro lado a cobiça de christãos hypochritas e até de judeus e renegados, todos com a mira na conquista de uma mulher honrada, a quem a Providencia havia distribuido graças e requintes de formusura;—todos, ao verem-se desenganados em seus ardis mesquinhos, arteiros e maliciosos, se empenharam em desacredital-a com falsos testemunhos, na sua reputação de mulher!

De todos tripudiou, porém. É que ella já sabia que a vida tinha espinhos, não só no mundo da rua; mas que o theatro era um supplicio para uma artista, que procura viver pela virtude. Com cêdo começou de comprehender que no theatro tudo era odio de primazia e valimento; que desde as *ribaltas* até ás *gambiarras* predominava a intriga, arma cruel e traiçoeira com que os máos feriam os bons; e que os bastidores eram testemunhas mudas das traições planeadas na penumbra das scenas.

D. Araceli de Aponte, educada desde que viu a luz celeste nos conselhos de sua mãe, que jámais deixou de a acompanhar, tem conseguido ovante desviar de si os vermes ruins. E d'esta arte foi confundindo os malquerentes, os cricticos zoilos, os delatores, com os actos irreprehensiveis da sua vida.

Como era esbelta e formosa, queriam os ruins aboccanhar-lhe o vestido.

Como era talentosa e intelligente, queriam as nullidades afastal-a, para que lhes não tomasse a vanguarda.

Et voila comme le monde marche...

*
* *

Ora, se o talento e a formusura podem coexistir, caso que se dá em nossa biographada, temos que a mulher assim cheia de encantos ou hade viver na obscuridade para que o seu merito não excite invejas que a desacreditem, e a sua belleza não lhe accumule em redor de si o cordume de falsos admiradores; ou, então, é obrigada a usar punhal á cinta, e o rewolver em punho contra as investidas dos macôcos da civilisação.

A REPUBLICA DO BRAZIL

O GOVERNO PROVISORIO

Cumprindo a nôssa promessa publicamos hoje os retratos dos membros do governo provisorio da republica do Brazil, que ainda não tinhamos obtido até á data da publicação do n.º 394 do *Occidente*.

Eram quatro os retratos que nos faltavam publicar e que hoje offerecemos aos nossos leitores com as notas biographicas que podemos obter.

Eduardo Wandenkolk, ministro da marinha é contra-almirante da armada brazileira, e um dos seus mais valentes marinheiros. É de origem hollandeza e os seus cabellos grisalhos indicam bem que já completou os cincoenta annos de idade, ainda que vigoroso e activo, apto a tomar sobre si o pesado encargo de ministro da nova republica.

Wandenkolk esteve em Lisboa em outubro de 1884 commandando o couraçado *Riachuelo* na sua viagem de Inglaterra, onde acabava de ser construido, para o Brazil.[1]

Foi boa a impressão que o distincto commandante do *Riachuelo* deixou da sua passagem em Lisboa. Um perfeito *gentlemen* reunindo á rigorosa observancia da disciplina a afabilidade e delicadeza do trato, qualidades que lhe tem valido as maiores sympathias e popularidade no seu paiz.

Extremamente estimado e respeitado pelos seus subordinados, a sua elevação a ministro da republica foi das melhor acceites pelo povo brazileiro.

Aristides da Silveira Lobo ministro do interior, antigo jornalista e advogado, combateu largamente o governo imperial, respeitando todos muito a sua opinião, pela austeridade do seu caracter. É filho de Silveira Lobo antigo partidario da republica, que mesmo em pleno parlamento se pronunciava adverso ao governo monarchico.

Silveira Lobo é portanto um republicano convicto, cujos precedentes não fazem duvidar da lealdade com que servirá a republica, no cargo que lhe acaba de ser confiado.

Demetrio Nunes Ribeiro ministro da agricultura é um distincto engenheiro e director da Escola Normal de Porto Alegre. Redactor da *Federação* que se publica no Rio Grande do Sul, fez grande propaganda das idéas republicanas no seu paiz.

Chamado agora a formar parte do governo provisorio da republica, na pasta da agricultura, é de esperar que se desempenhe bem d'este cargo, pois que tem estudado as questões agricolas, escrevendo com applauso sobre a agricultura do Brazil.

Manoel Ferraz de Campos Salles ministro da justiça, é advogado e deputado republicano pela provincia de S. Paulo. Os seus discursos no parlamento distinguem-se pelas idéas avançadas que sempre expendeu e que o collocaram no primeiro plano dos que no Brasil trabalhavam pela proclamação da republica.

A Proclamação da Republica

Do nosso correspondente do Rio de Janeiro, recebemos circumstanciada discripção dos acontecimentos que ali se deram no dia 15 de novembro e seguintes, em que foi proclamada a republica, mas que não podemos reproduzir na integra, por demasiado longa para os limites do nosso periodico, e porque já nos chegou tarde para ter novidade.

Agradecemos em todo o caso a descripção que nos enviq e da qual passamos a aproveitar a parte que diz respeito á gravura que publicamos, em que se desenha o aspecto que a rua do Ouvidor apresentava no dia da proclamação da republica, ao desfilar das tropas precedidas do general Deodoro da Fonseca e Bocayuva, recebendo as acclamações do povo.

Diz o nosso correspondente que o enthusiasmo da população tocou o delirio, victoriando o bravo general que se collocára á frente do movimento revolucionario.

O general Deodoro fôra prevenido em sua casa ás 11 horas da noite de 14, que a segunda brigada resolvera revoltar-se e só esperava por elle.

Quando Deodoro recebeu esta participação estava na cama gemendo com dôres atrozes, mas immediatamente declarou que em sendo dia iria reunir-se aos seus soldados, tratando logo de applicar sinapismos por todo o corpo para debellar os soffrimentos.

Assim que amanheceu dirigiu-se para S. Christovão, mas no caminho soube que o regimento de artilheria n.º 2 e o de cavallaria n.º 1, tinham marchado para a cidade, e veio pôr-se á sua frente no Campo da Acclamação, onde aquelles regimentos estavam postados.

Seguindo á frente d'esta força dirigiu-se para o quartel general, onde o governo imperial se tinha refugiado e procurava resistir ao movimento revolucionario.

Dentro do edificio do quartel general achavam-se formados os regimentos n.º 7 e n.º 10, o corpo de bombeiros e o de policia, forças com que o governo parecia contar para sua defeza, mas que depressa o abandonaram, porque em presença do general Deodoro que se apresentou com as forças que o seguiam, aquelles corpos logo passaram para o seu lado.

Em vista d'isto os ministros renderam-se, trocando-se explicações entre elles e o general Deodoro. Foi n'esta occasião que o ministro da marinha, barão de Ladario recebeu alguns ferimentos da tropa, por ter resistido, disparando o seu rewolver sobre o alferes Penna que lhe intimou a prisão e depois sobre o general Deodoro, o qual gritou aos soldados que não fizessem mais fogo sobre o barão.

Terminado este incidente dirigiu-se o general Deodoro com os regimentos para o Campo da Acclamação, acompanhado pelo dr. Bocayuva, que fôra chamado para se reunir á revolução e seguindo a cavallo á frente das tropas passaram na rua do Ouvidor, entre as acclamações do povo enthusiasmado.

É este episodio que a nossa gravura representa.

A rua do Ouvidor é uma das principaes do Rio de Janeiro e corresponde ao Chiado em Lisboa. Estão ali estabelecidas as redacções do *Jornal do Commercio* e do *Paiz*, e são os edificios d'estas redacções que mais avultam na nossa gravura.

Sendo a rua do Ouvidor a mais concorrida e o jornal *O Paiz* o que mais pugnou pela proclamação da republica, por isso as manifestações populares tiveram ali a sua maior expansão victoriando os iniciadores da grande transformação politica que acaba de se operar no Brazil.

[1] Vid. Occidente, vol. VII, pag. 237 e 240.

EXEQUIAS NO FUNCHAL

POR ALMA DE EL-REI D. LUIZ

As exequias feitas no Funchal no dia 29 de novembro pelo descanço eterno de Sua Magestade o Senhor D. Luiz I, foram d'uma extraordinaria magnificencia. A Camara Municipal d'esta cidade esforçou-se por se desempenhar o melhor possivel d'esta obrigação e na verdade cremos não poder fazel-o melhor. O catafalco levantado no centro da cathedral era imponente, como d'algum modo póde vêr-se no desenho publicado n'este numero. Formado de 6 partes bem distinctas, tinha ao todo uma altura superior a 12 metros e era illuminado por uns cincoenta lumes symetricamente collocados. As dimensões d'este grandioso monumento são assim determinadas pelo jornal *A Verdade*:

«A primeira, a parte inferior; por onde se subia por uma escada de sete degraus tinha de comprimento 9 metros; 1m,45 d'altura e 7m,85 de largura. Sobre esta base assentava o segundo corpo do catafalco, que tinha 6m,35 de comprimento; 3 m. d'altura e 5m,7 de largura. Era formado de 18 columnas — 4 na frente, 4 na rectaguarda e 5 de cada um dos lados. Sobre esta columnata erguia-se o terceiro corpo do catafalco gradeado em toda a volta. Tinha de comprimento 4m,20; d'altura 2 m., de largura 2m,80. Subia-se para a base d'este terceiro corpo por uma escada interior. Tinha em cada um dos quatro angulos um anjo velado de crepes. O quarto corpo tinha de comprimento 3m,2; de altura 1m,35 e de largura 1m,60. O quinto era propriamente o feretro e tinha 2m,32 de comprimento; 1m,36 d'altura e de largura 0m,85. Sobre este estava a corôa real e o sceptro. O docel era de fórma circular e tinha 3 metros de diametro sustentando-se prezo do tecto a uma distancia de 5 metros do feretro. Este docel, que era encimado pela corôa real, dividia-se em quatro cortinas cravejadas de estrellas d'ouro e forradas de arminho, que iam prender-se ás columnas da nave.

Mediam estas cortinas 15 metros de comprimento.»

Por entre as columnas dos dois lados do catafalco e na face que defrontava com o altar mór liam-se alguns textos biblicos, impressos em tela. Na face que defrontava com a porta principal lia-se a data do nascimento e a do fallecimento. A missa foi de pontifical celebrada pelo prelado. Dezoito vozes, incluindo dois cantores da companhia lyrica, e uma grande orchestra tornaram imponente a solemnidade. A concorrencia era tão extraordinaria que nunca se viu igual em templo nenhum d'esta cidade. Os convidados tiveram logar reservado previamente preparados pela Camara. Estava todo o corpo consular. No fim da missa subio ao pulpito o Rev.mo Conego A. Ayres Pacheco que fez uma oração funebre de grandissimo merecimento. Pessoas muito competentes no assumpto e muito insuspeitas teceram os mais elevados elogios áquelle discurso. Não é possivel darmos noticia d'esta notavel oração funebre, pois muito longe nos levaria o assumpto. O Rev.mo conego Pacheco, professor do Seminario e jornalista é considerado desde ha muito um dos primeiros oradores sagrados. O seu discurso, d'uma contextura artistica altamente superior e exposto tão delicadamente como foi, era de molde a sa-

A REPUBLICA DO BRAZIL

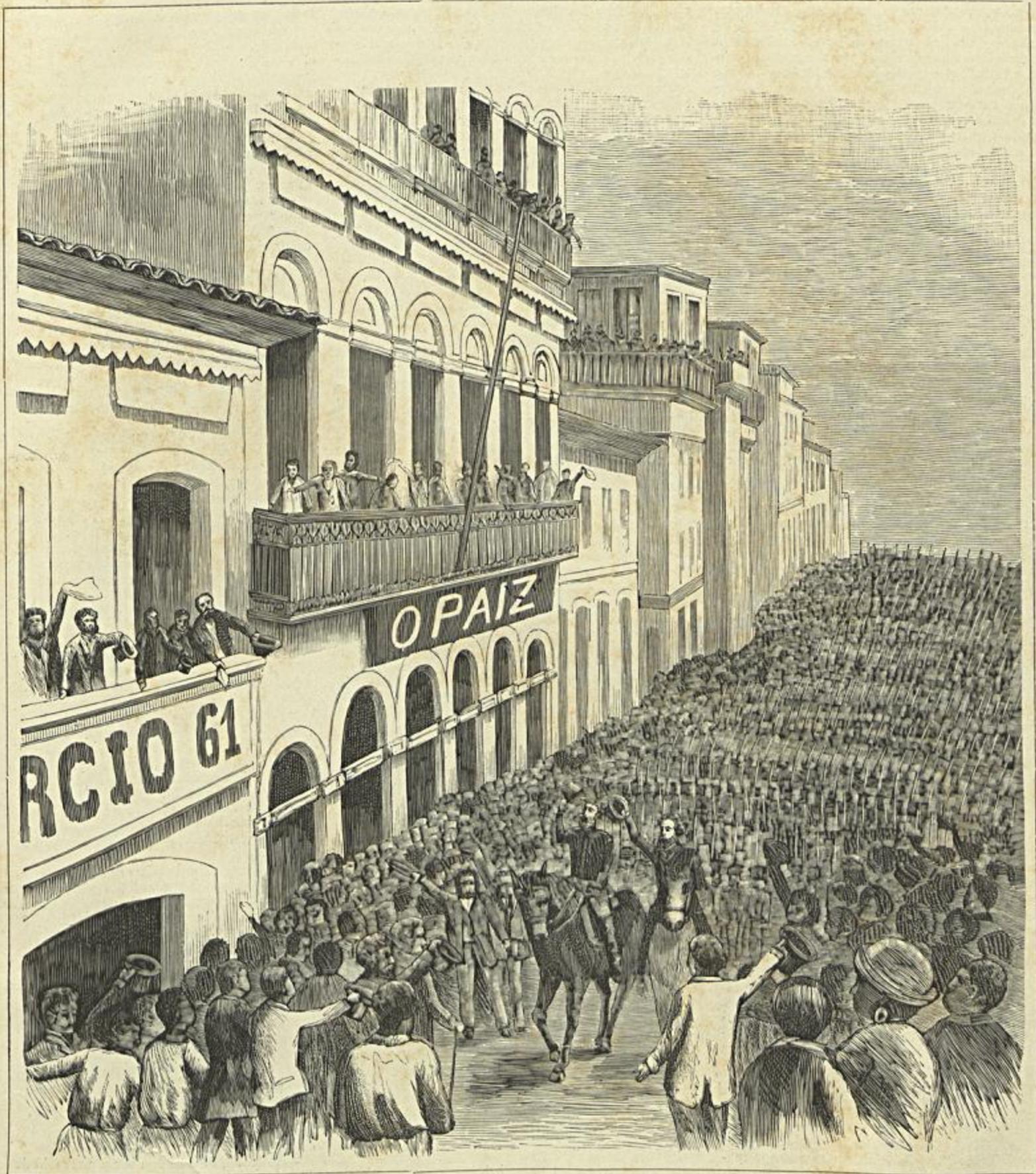
EDUARDO WANDENKOKL
MINISTRO DA MARINHA

DR. CAMPOS SALLES
MINISTRO DA JUSTIÇA

ARISTIDES DA SILVEIRA
MINISTRO DO INTERIOR

DR. DEMETRIO RIBEIRO
MINISTRO DA AGRICULTURA

O GOVERNO PROVISORIO

A REPUBLICA DO BRAZIL

PROCLAMAÇAO DA REPUBLICA

Ovação popular ao general Deodoro da Fonseca e Bucayuva, na rua do ouvidor

tisfazer qualquer assemblea por mais exigente que fosse.

Offerecia-se-nos muito que dizer sobre este assumpto e bem contra nossa vontade temos de ficar por aqui.

Depois da oração funebre, que produziu no auditorio um verdadeiro assombro, procedeu-se ás absolvições do estylo.

Foi esta uma eloquente commemoração funebre com que a Camara Municipal do Funchal entendeu honrar a memoria do sympathico e benemerito monarcha. Póde aquella corporação estar plenamente satisfeita, porque tanto exequias como a ceremonia da quebra dos escudos, feita immediatamente antes, tiveram um exito felicissimo.

Funchal, 6 de dezembro de 1889.

Z.

GARIBALDI

(Concluido do n.º 395)

Logo em seguida á revolução de 4 de setembro de 1870 Garibaldi offereceu os seus serviços ao governo da defesa Nacional, e desembarcou em Marselha a 7 de outubro com o fim de auxiliar os francezes contra os allemães.

Elle, que tanto guerreara a França por se apos-

sar da sua cidade natal e de Saboya, essa França que defendia ao mesmo tempo Roma para que o Papa se conservasse independente nos seus estados, corria á defeza dos seus companheiros de armas e offerecia o seu prestigio e a sua vida á causa franceza.

Tinha então 63 annos!

Foi a sua ultima pagina brilhante dos campos de batalha.

Por ordem da delegação de Tours foi-lhe feita em Marselha uma recepção enthusiastica e brilhante; e dois dias depois era-lhe dado o titulo de general francez e o commando dos francos-atiradores e das tropas irregulares sobre a linha d'Est, particularmente nos Vosgues.

Grande numero de voluntarios italianos, especialmente genovezes, correram a alistar-se sob o commando do seu compatriota.

A collumna commandada por Garibaldi attingiu um effectivo de quinze a vinte mil homens. Era dividida em quatro brigadas sob as ordens dos dois filhos de Garibaldi, Manotti e Ricciotti e dos generaes Rosak e Delpech, sendo o chefe de estado maior Mr. Bordone.

A recepção feita a Garibaldi excitou viva emolação entre os antigos generaes, chegando muitos d'elles a pedir a sua demissão.

A imprensa clerical secundava esta corrente de opinião contra o notavel general italiano, pelo facto d'elle ser chefe da maçonaria.

Cousa alguma d'estas o abalou no seu proposito, e os recontros dos garibaldinos com os differentes corpos allemães multiplicaram-se durante dois mezes, como para dar a evidente prova de que o governo da defesa nacional fizera bem em não desprezar aquelle valiosissimo auxiliar.

Garibaldi fez as campanhas: de Chatillon a 19 de novembro; de Beaune a 26 e de Dijon a 6 de janeiro de 1871.

Esta ultima cidade foi occupada por Garibaldi e defendeu-a valerosamente nos recontros de 22 e 23 de janeiro. Aqui o inimigo foi compellido a abandonar as posições e o 61.º regimento prussiano, quasi totalmente destroçado pela brigada Menotti, teve a sua bandeira tomada.

*
* *

Voltando a Caprera, Garibaldi, continuou a sua propaganda revolucionaria manifestando cada vez mais a sua aversão ao clero, que abandonando a sua missão completamente espiritual, conspirava nas trevas contra a corôa italiana.

Consta que foi por esta epoca que Garibaldi escreveu essas duas preciosissimas obras tão lidas e tão justamente apreciadas pelos homens liberaes de todo o mundo: *O Imperio dos padres* e *Os Mil* ou a *Historia da Campanha da Sicilia*, mais conhecida pelos *Mil de Garibaldi*.

Em 1873 a sua situação financeira era realmente embaraçosa e viu-se obrigado a vender ao governo uma escuna com que o tinha presenteado o duque de Sutherland; porém, o agente que Garibaldi encarregou d'essa negociação fugiu para a America com o producto da venda, que fora realisada por 80:000 francos.

Faltando-lhe esta importancia destinada a pagar uma divida contrahida, e que se tornava indispensavel pagar em poucos dias, Garibaldi recorreu á hypotheca da sua propriedade de Caprera, porém apenas se soube isto abriram-se por toda a parte subscripções e a importancia precisa estaria promptamente coberta, se Garibaldi sabedor da sua iniciação, não publicasse logo que seria um crime da sua parte acceitar o dinheiro dos pobres para pagamento das suas dividas.

Este facto chamou a attenção do governo que resolveu estabelecer uma pensão de nove contos por anno ao strenuo defensor da independencia italiana, mas Garibaldi escreveu ao presidente recusando o offerecimento que lhe fazia um ministerio, no seu intender, culpado de todas as miserias que flagellavam o paiz.

A 15 de novembro de 1874 foi eleito deputado por duas circumscripções de Roma, e a 24 de janeiro de 1875 a sua entrada n'esta cidade era, se pode assim dizer, uma verdadeira apotheose áquelle genio notavel, que se tornara o typo lendario da Italia moderna.

O seu juramento terminava pela phrase seguinte — *Trabalharei para o bem do rei e da patria!*

A camara inteira saudou-o enthusiastica e quasi o levou em triumpho para o seu logar.

Victor Manuel recebeu o no Quirinal e abraçou-o publicamente, offerecendo-lhe o braço para o conduzir á camara, e quasi seguidamente o principe Humberto foi visitar o velho campeão da independencia.

Comtudo apezar d'estes testemunhos de affecto trocados entre Victor Manuel e Garibaldi este não deixava de fazer a sua opposição franca e aberta ao governo que não tinha a sympathia publica, a dois membros do qual Minghetti e Vigliani elle appellidou em pleno parlamento de Polignac e Guizot.

Por occasião do anniversario da republica romana de 1849 o seu discurso foi tão violento e causou tão notavel excitação na camara que a policia foi encarregada pelo governo de apprehender os jornaes que o tinham reproduzido ou extractado.

Em novembro de 1876 foi reeleito deputado pela cidade de Roma, onde propoz e discutiu varias leis tendentes a aperfeiçoar o systema constitucional, entre as quaes se contava a abolição do casamento religioso, que foi regeitada.

Paris e Londres glorificaram o nome de Garibaldi. Londres offereceu-lhe o titulo de cidadão e Paris o cargo de seu representante.

*
* *

«Garibaldi, escreve o auctor de *Portugal e a Italia*, é um d'esses homens gigantes que só as revoluções produzem em seu seio, que encadeam com mão forte as ondas populares; é um genio de ferro, uma rasão imperiosa, uma vontade inflexivel. O seu nome hoje repetido á saciedade, não indicará o primeiro dos generaes modersos, não indicará mesmo um general consumado; mas indicará de certo na opinião publica da Europa, o primeiro dos mais destemidos e mais arrojados defensores da liberdade. Pena é que se animassem a deitar nodoa em alma tão pura e tão honrada.

....

«Garibaldi, esse que em seu valeroso animo, e á força de ser util á sua patria, fez admirar em seus dias, nos bellos dias em que vivemos, aquelle solido e relevante serviço, que immortalisa os homens no conceito dos outros homens, e faz passar sua memoria cheia de triumphos á mais remota posteridade, foi victima de suas idéas liberaes, porque escabrosas circumstancias retardaram o impeto do genio, e fizeram desmaiar a alma mais constante em vista do seu incerto e arriscado exito.»

Victor Manuel deveu o seu engrandecimento da sua corôa a este vulto notavel, que appareceu destinado a cumprir a missão grandiosa de batalhar pela defesa da patria.

Mas é condição fatal da humanidade que nem mesmo os que affirmam a sua superioridade material no campo da sciencia da batalha ou das lettras deixem de pagar o tributo á terra d'onde vieram, segundo a sublime phrase de Vieira, e a 2 de julho de 1882 Garibaldi que recusara ao povo o throno das duas Sicilias morria pobre em Caprera, victima d'uma pneumonia que em sete dias o roubou á Italia e ao mundo.

O seu funeral foi imponente, como não podia deixar de ser a ultima homenagem prestada a tão assombroso heroe. O parlamento francez, o conselho municipal de Paris e o governo italiano enviaram commissões dos seus membros, para assistirem ás ceremonias funebres.

Humberto, que succedeu no throno de seu pae, tem tão grande veneração pelas cinzas do velho general, que, quando a 15 d'este anno foi a Spezzia em companhia do principe de Napoles, depois de visitarem as fortificações, seguiram para Caprera, onde o rei Humberto foi depôr uma corôa de flôres no tumulo de Garibaldi, visitando depois a casa onde elle exhalou o derradeiro suspiro, talvez ainda consagrado no seu espirito, á sua tão cara Italia.

Lisboa, 1889.

Julio Rocha.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XIX

Sua irmã, radiante ao ver aquelle esguicho de coragem que alfim brotara da alma timorata do Quim, seguiu-o palpitante de alegria e de curiosidade até á escada e ficou-se no patamar a olhal-o com nobre e legitimo orgulho.

O Quim desceu os degraus a quatro e quatro e chegado ao fim da escada enfiou pela porta da rua, como que desenfreado.

A Emilinhas então n'um salto, mais veloz do que o pensamento, transportou-se do patamar da escada á sacada da saleta.

Seu irmão já ia na rua, rapido como o relampago, acotovellando toda a gente; não vendo ninguem, cego como um toiro na sua vertiginosa carreira.

— O que foi, senhora? O que aconteceu? perguntou muito aparvalhada a criada, que espantadissima com tudo aquillo e sem perceber nada do que se passava, correu tambem á janella com sua ama, presa de uma curiosidade cheia de temor.

— Não aconteceu nada, respondeu a Emilinhas não tirando os olhos de seu irmão que ia já no fim da rua, quasi que dobrando a esquina das Olarias.

— Para onde vae o senhor, com aquella pressa toda? perguntou a criada.

— Vae derramar o sangue do inimigo, respondeu altiva e digna a mana do Quim.

— O que? o sangue do demonio? perguntou muito palonsa a criada que conhecia o sr. Satanaz por aquelle epitheto.

— Não! o sangue dos seus insultadores! explicou a Emilinhas.

— Ah! sim senhor! respondeu a criada sem perceber o que era, mas envergonhando-se de perguntar mais.

— Mau! o que vem a ser isto? exclamou aterrada de repente a Emilinhas, dando um grande grito.

— O que é? perguntou assustada a criada.

E seguiu a direcção do olhar da patroa que estava fito na esquina das Olarias, esquina que momentos antes dobrara seu irmão, desapparecendo, e em que de novo elle apparecia agora, voltando para traz, com a mesma pressa, com a mesma precipitação com que partira de casa.

— O que quererá dizer este retrocesso? perguntou a si mesma a Emilinhas temendo que seu irmão tivesse reconsiderado, que o medo tivesse tornado a retomar a supremacia no seu espirito, e que o Quim voltasse para casa arrependido das cavallarias altas em que se ia metter e desistindo d'ellas.

E com a mesma furia que não via ninguem, o Quim galgára a rua em dois segundos e n'um abrir e fechar d'olhos enfiava de novo pela porta da escada.

— Reconsiderou! disse desconsolada e triste a Emilinhas, apagou-se o fogacho.

E desanimada, sem enthusiasmo nenhum já, voltou para dentro e encaminhou-se para a porta vagarosamente, com uma lentidão que contrastava com a rapidez e velocidade estranhas com que momentos antes correra da porta para a janella.

Mas quando ia a abrir a cancella sentiu uma forte campainhada, que lhe echoou jubilosamente no coração.

Essa campainhada não era na campainha da sua porta, era na campainha da porta de baixo, da porta do primeiro andar, da porta da casa do major Rodrigues.

Quem batia á porta do visinho!

Seria seu irmão?

Mas então se era elle, é que não se tinha arrependido da sua resolução heroica, é que a punha em pratica d'outro feitio!

E esperançada com esta idéa que a campainhada lhe accordara no cerebro, abriu a cancella n'um impeto e debruçando-se da varanda do patamar espreitou para baixo.

E soltou um grito de alegria, de satisfação.

Era o mano, era o Quim em pessoa, que batia á porta do major Rodrigues.

— És tu, Quim! perguntou ella querendo certificar-se de que não se enganara, de que os seus olhos viam bem.

— Sou eu, respondeu seccamente lá debaixo o Quim.

Era elle! não havia que duvidar!

— O que vaes fazer? perguntou ainda a Emilinhas.

— Vou principiar pelo principio, respondeu elle n'um tom tetrico, cheio de ameaças medonhas.

E repetiu heroico a valente campainhada.

XX

O major Rodrigues estava começando a almoçar.

Tinha já ingerido a sua açorda d'alho e ia avançando denodado para o bacalhau assado, quando a primeira forte campainhada do Quim o fez dar sobresaltado um pulo na cadeira.

A criada estava na cosinha a fazer-lhe as torradas e não foi abrir logo.

— Ah! já sei! disse comsigo o major, hade ser o massador do regedor com as amostras da tenda!

E continuou a avançar para o bacalhau assado.

Mas quando ia a espetar-lhe o garfo definitivamente, uma nova campainhada, — a segunda do Quim — puchada ainda com mais violencia, com mais brutalidade, fel-o dar novo pulo na cadeira e estremecer toda a casa como um tremor de terra.

— Irra! que é bruto! exclamou o major Rodrigues indignado.

E voltando a cabeça para a banda da porta da cosinha onde a cosinheira lhe estava fazendo as torradas, gritou-lhe zangado:

— O' Rita! Rita!

— Senhor major!

— Vá ver quem é a cavalgadura que está a bater á porta!

— Eu estou a fazer as torradas senhor major.

— Pois sim, mas vá lá ver quem é, e diga seja a quem fôr que isto aqui não é porta de quinta!

— Então quer que deixe as torradas, sr. major!

— Já se vê que sim, deixe-as senão esse animal é capaz de deitar a campainha abaixo.

A Rita deixou as torradas e foi á porta, resmungando, e abriu a cancella disposta a cumprir as ordens do senhor major e a mimosear quem batia com uma formidavel descompostura.

Mas ao ver a cara do Quim e o aspecto feroz que illuminava essa cara, a descompostura estacou-se-lhe na ponta da lingua.

— O sr. major Rodrigues está em casa? perguntou o Quim com voz trovejante.

—Está, está sim senhor, balbuciou a Rita, está a comer bacalhau assado.

—Pois diga-lhe que deixe o bacalhau, e que venha já fallar-me, disse o Quim empurrando a criada e entrando pela casa dentro, e encaminhando-se sem lh'o offerecerem, para a saleta, que elle conhecia muito bem e que noites antes fôra o seu quarto de dormir.

—Eu não sei se o senhor major, balbuciou aterrada e subjugada a Rita, seguindo o humildemente sem se atrever a oppor-se á sua violenta entrada.

—Não sabe o que? O que é que você não sabe? espirrou o Quim voltando-se para a criada n'um impeto feroz.

A Rita recuou espavorida, tartamudeando:

—Sei... sei... mas o senhor major está a almoçar... e quando o senhor major está com o bacalhau assado, não gosta que o encommodem.

—Importa-me lá saber se elle gosta ou não gosta? rugiu o Quim. Eu não venho aqui para elle gostar!

—Sim senhor! sim senhor! approvou a Rita muito pallida e a tremer de medo.

—Va lá dizer-lhe que é o visinho cá de cima que quer, ouviu? que quer fallar-lhe já! diga-lhe que deixe o bacalhau, porque se trata d'um negocio d'honra e que para um homem de bem, para um militar, a honra está acima de todos os bacalhaus!

—Sim senhor, sim senhor, repetiu a Rita humilde como um fraldiqueiro, mais pequenina que um feijão frade, sahindo da saleta de costas, recuando sempre e indo toda a tremer dar ao major o recado do recemvindo.

—Quem era? perguntou o major ao vêl-a voltar á casa de jantar

—E', é o visinho...

—Ah! bem sei, é o tendeiro?

—Não sei se é tendeiro, o que sei...

—Traz as amostras?

—Não senhor, traz uma bengala.

—Uma bengala? Para mim?

—Não sei se é para o senhor major.

Não sabe?

—Não senhor, o que sei é que elle disse-me que lhe dissesse que fosse já já fallar-lhe.

—Já, já? essa é melhor! Você não lhe disse que eu estava a almoçar?

—Disse sim senhor, mas elle disse-me que lhe dissesse que elle dizia para lhe dizer que deixasse o almoço e que fosse já, já, já que era um negocio d'honra.

—D'honra? repetiu o major abrindo os olhos muito intrigado. Mas você não conhece quem e?

—Conheço sim senhor, já disse ao sr. major quem é.

—Não disse tal.

—É o visinho.

—Qual visinho?

—O cá do segundo andar!

—Ah! o Barradas! disse o major serenando de repente a este nome. Diga-lhe lá que diga o que quer, ou que venha mais tarde que eu agora não lhe posso fallar!

—Mas...

—Vá, diga-lhe isto, não estou para aturar esse massador! Vá.

E a criada a tremer foi levar ao feroz Quim a resposta despresadora do seu amo.

(Continúa).

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Um novo incidente veio complicar a questão que Portugal está sustentando briosamente com a Inglaterra sobre os seus direitos na Zambezia e as pretenções d'esta ultima nação.

Um telegramma recebido em Londres trouxe a noticia que o major Serpa Pinto aprehendera duas ou tres bandeiras inglezas que encontrara içadas na região dos makololos e batera estes povos que se oppunham á sua passagem n'aquelle paiz, onde o intrepido explorador portuguez andava em viagem de exploração acompanhado do engenheiro Alvaro Ferraz e Cardozo, nos estudos de uma linha ferrea

Este telegramma levantou desde logo os mais desbragados clamores na imprensa ingleza, ainda mal acommodada das agressões que nos dirigira, e nos seus inconsiderados clamores ameaçou Portugal com a força dos seus couraçados, com o rompimento das suas relações, com tudo emfim que lhe lembrou, menos com a razão e com a justiça.

A imprensa ingleza, porém, não é o governo inglez, e a ignorancia que ella revela sobre esta questão, não podia ser partilhada pelo governo inglez que bem sabe que o paiz dos makololos está comprehendido nos territorios que estão sob a soberania portugueza, e que os inglezes para lá penetrarem e nos intrigarem com os indigenas, e arvorarem as taes bandeiras inglezas, tinham pedido o auxilio das auctoridades portuguezas de Moçambique com salvos conductos, de que, pelo que se vê, fizeram o melhor uso.

Houvera, portanto, um abuso da parte do consul inglez, em Moçambique, que pedira ás auctoridades portuguezas e ao proprio major Serpa Pinto, protecção, occultando o seu proposito de revoltar os makololos contra a soberania de Portugal no seu paiz.

Tudo isto já se acha apurado, assim como já se sabe que o telegramma referido é exaggerado com respeito ás condições em que foram arriadas as bandeiras inglezas indevidamente arvoradas em territorio portuguez.

Se a imprensa ingleza não tivesse perdido n'esta questão a natural fleugma do seu temperamento, não teria dado ao mundo civilisado uma tão triste prova da sua... leviandade, e não teria provocado os reparos que toda a imprensa da Europa lhe tem feito, mostrando-lhe a justiça da nossa causa e recommendando-lhe mais brandura para quem lhe não merece tão grande insania.

Evidentemente outras causas animam a imprensa ingleza que não são nem a razão nem a justiça, e d'essas causas necessariamente se não póde tornar solidario o governo inglez, que primeiro de se deixar influenciar demasiadamente pelos interesses commerciaes dos agentes inglezes tem que attender aos direitos internacionaes das potencias a quem esses interesses possam ferir de um modo illegal e tumultuario.

Portugal encontra-se n'uma situação difficil no meio d'este tumulto ambicioso que se forma em torno da sua Africa.

Quando o podiam accusar do desleixo em que deixava jazer as suas possessões, teve que envergonhar-se da sua incuria e fazer concessões em que a Inglaterra foi das mais satisfeitas.

Hoje que as cousas mudaram, e que Portugal procura levantar o seu imperio Africano, é a propria Inglaterra que deligenceia levantar-lhe difficuldades e impedir os seus progressos em Africa.

Porque razão não accorda por uma vez a Inglaterra com Portugal sobre os limites dos nossos territorios na Africa Oriental, como por tantas vezes lhe tem instado o governo portuguez, e como ainda na ultima nota do sr. Barros Gomes voltou a instar.

Será porque á Inglaterra convem antes este estado de cousas que poderão um dia favorecer as suas pretenções sobre Lourenço Marques e talvez Moçambique, sonho aureo que ainda se lhe não desfez na mente?

Já aqui o dissemos e tornamos a repetir, a Inglaterra hade empregar todos os meios directos ou indirectos para nos contrarios na Africa Oriental, para fazer desenvolver ali a sua influencia, monopolisando o commercio, captando o indigena, assenhoreando-se pouco a pouco d'um e outro ponto, guerreando o nosso prestigio, invalidando todos os nossos esforços, até que possa alegar bem alto que não temos elementos para desenvolver aquellas possessões.

O unico meio que temos a opôr a esta invasão, é redobrar a actividade do governo n'aquella parte da Africa, estabelecendo a auctoridade portugueza em todos os pontos e que esta possa offerecer todas as necessarias garantias á propriedade para que o commercio e as industrias se possam estabelecer regularmente sob a sua proteção.

Encaminhar para lá uma corrente de emigração portugueza e uma corrente de capitaes tambem portuguezes que vão animar esta emigração, mas tudo isto já, sem questões de politica comesinha e apenas com muito tato politico sempre em guarda contra os ardis dos agentes inglezes.

Para isto appareceu a idéa de formar uma grande companhia commercial africana, idea que foi recebida por parte da imprensa com alvoroto e combatida por outra parte.

Claro está que a politica apossou-se logo d'esta idéa e o mesmo foi que escangalhar tudo, mas quem teve a culpa foram os syndicatos, essa planta damninha que tem florescido sob a benefica protecção d'este governo, e a que todos tem um horror só comparavel á invasão do cholera-morbus, tal é o descredito em que cahiram.

De balde se invocou o patriotismo, mas esta palavra na bocca dos cynicos gregos não convenceu ninguem da boa fé com que era proferida.

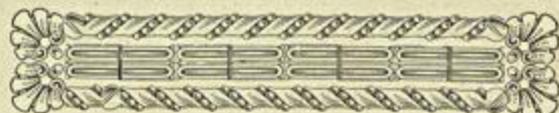
E o perigo que ha em se cahir em má fé.

Em todo o caso é inadiavel tomar uma resolução pratica sobre a questão, e ou seja o governo, ou seja uma companhia, ou uma e outra cousa, que seria o melhor, é imperterivel por em pratica os meios de levantar o nosso imperio africano.

É isto o que está no sentimento de todos os portuguezes e que a imprensa tem sido unanime em manifestar,

Emquanto á questão diplomatica com a Inglaterra, parece que se acha em bom caminho de se chegar a accordo digno e justo.

E até ao anno caro leitor.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Navios de Guerra Portuguezes.—Com gosto registamos que não são só casas inglezas que concorrrem agora para a construcção de navios de guerra portuguezes.

Vae-se acabando o monopolio devido talvez á muita publicidade que tal assumpto tem tido, e de que nós temos sido humildes collaboradores.

Com mais gosto ainda noticiavamos se as construcções fossem adjudicadas a casas portuguezas... mas somos tão maus luveiros...

Em seguida damos a relação das casas concorrentes:

1.º *Armstrong* — (ingleza) cruzadores, cada um, 118:500 libras,—canhoneiras, cada uma 52:000 libras.

2.º *Barrow*—(ingleza) cruzadores, os dois, libras 273:000,—canhoneiras, as duas 84:250 libras.

3.º *Laird* — (ingleza) canhoneiras as duas, libras 5[illegible]:000.

4.º *Palmer's* — (ingleza) cruzadores, cada um, 140:000 libras.

5.ª *Samuda*—(ingleza) cruzadores, cada um, libras 92:000,—canhoneiras, cada uma 25:600 libras.

6.ª *Tames Yron Works*—(ingleza) cruzadores, cada um, 99:000 libras,—canhoneiras, cada uma, 24:500 libras.

7.ª *Chantiers de la Loirz*—(franceza) cruzadores, cada um, 150:000 libras,—canhoneiras, cada uma, 45:600 libras.

8.ª *Chantiers de la Girond*—(franceza) cruzadores, cada um, 3 486:210 francos, — canhoneiras, cada uma, 957:650 francos.

9.ª *Forges et Chantiers de la Mediterranée* (França) cruzadores 3.000:000 francos,—canhoneiras, cada uma, 705:000 francos.

10.ª *Stabilimento Tecnico de Triest* (Austria) cruzadores, os dois, 220:000 libras,—canhoneiras, as duas, 220:000 libras.

11.ª *Vulcan Stattin* (Allemanha) cruzadores, cada um, 2 300:000 marcos,—canhoneiras, cada uma 672:000 marcos.

12.ª *Germania* (Allemanha) cruzadores, cada

um, 154:500 libras,—canhoneiras, cada uma, libras 39:500.

13.ª *Orlando Fratelli, Livorno* (Italia) cruzadores, cada um, 3.500:000 liras, — canhoneiras, cada uma, 705:000 liras.

Uma baixella Germain.—Deve existir no palacio imperial do Rio de Janeiro, uma magnifica baixella Germain que para ali levou El-rei D. João IV quando foi para o Brazil, junto com outros objectos valiosos pertencentes á casa real. D. João VI levou esta baixella para seu uso, mas quando regressou a Portugal, não a trouxe, ficando a fazer uso d'ella D. Pedro IV, por emprestimo de que se utilisou tambem o imperador D. Pedro II.

Conta-se que em uma das visitas que o imperador fez a El-Rei D Fernando, este lhe perguntou pela baixella Germain, e que o imperador prometera mandal-a para a Casa Real.

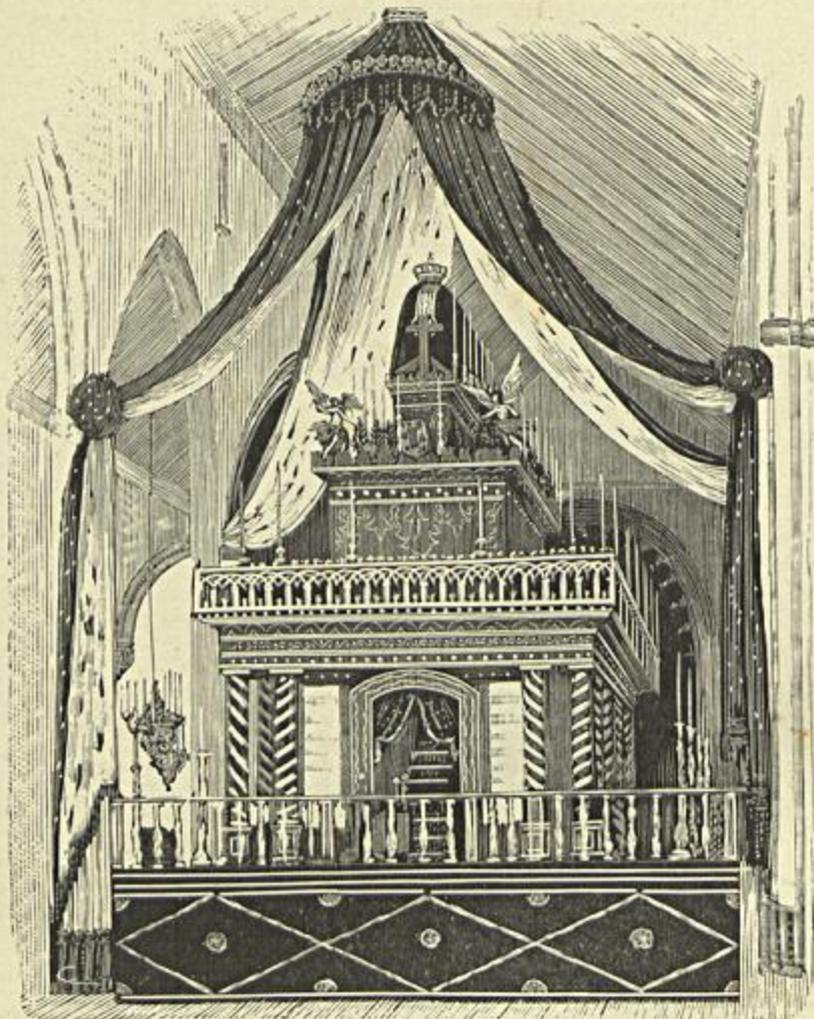
A este respeito lembra um collega que seria occasião agora de regular este negocio de accordo com Sua Magestade o Imperador D. Pedro II, fazendo saber ao governo brazileiro que a referida baixella pertence a Portugal a quem deve ser entregue.

Concurso de Pintura. — Ao concurso aberto pela camara municipal de Lisboa, para a pintura de um quadro historico—Martin de Freitas verificando, na cathedral de Toledo a morte de D. Sancho II, concorreram oito esbocetos de artistas portuguezes entre os quaes se contam o sr. Luciano Freire e Salgado, não sabendo ainda o nome dos mais concorrentes.

Só depois das festas da acclamação é que será aberta ao publico a exposição dos esbocetos.

Duqueza de Palmella.—Foi nomeada Camareira mór de Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia, a Ex.ma Sr.ª Duqueza de Palmella. Tem a data de 9 do corrente a carta regia que confere á illustre fidalga esta elevada honra.

Presidencia da Academia Real das Sciencias.—Sua Magestade El-Rei D. Carlos, acceitou a presidencia da Academia Real das Sciencias que ficára vaga pela morte de El-Rei D. Luiz.

EXEQUIAS POR ALMA DE D. LUIZ I NO FUNCHAL

CATAFALCO LEVANTADO NA SÉ

(Segundo photographia de Souza & Santos)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Orlando Furioso por Ariosto com illustrações de Gustavo Doré, vertido em portuguez por Xavier da Cunha. Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1889. Fasciculo 1 a 5 d'esta bella obra e edição luxuosa.

Historia da Luzitania e da Iberia por João Bonança, Lisboa. Fasciculo 15. Assigna-se para esta obra em Lisboa, Rua Ivens n.º 41. Cada fasciculo de 32 paginas 400 reis em Lisboa ou nas terras onde ha estações postaes. Por volume, pago adiantado 6$000; a obra completa (3 vol.es) reis 17$000.

Astronomia Popular por Camillo Flammarion, versão portugueza de Salomão Saraga. Companhia Nacional Editora, Lisboa. O nome d'esta obra é tão universalmente conhecido, que nos dispensa de fazermos aqui o seu elogio. O estudo da astronomia é dos mais interessantes, mas a maneira por que Flammarion descreve o ceu, a terra e todos os planetas, e todos os phenomenos celestes, tornam ainda este estudo mais attractivo e ao alcance de todas as intellegencias que querem saber do mundo em que vivem e de todos os phenomenos dos astros, que para muitos são como verdadeiros mysterios, mas que aos olhos da sciencia tem perfeita explicação.

A *Astronomia Popular* é profusamente illustrada com gravuras demonstrativas que mais illucidam o leitor. Esta obra é publicada aos fasciculos de 16 paginas, semanalmente, pelo preço de 80 reis.

Jornal de Horticultura Pratica Director, Eduardo Sequeira, proprietario, José Marques Loureiro Porto. N.º 12 do XX volume, Dezembro de 1889, com que conclue o vigessimo anno da sua publicação este magnifico periodico.

Revista das Sciencias Militares Fundada por Antonio Alfredo Barjona de Freitas capitão do Estado maior e José Manoel Rodrigues 1.º tenente de artilheria, socio da Academia Real das Sciencias, director, J. Renato Baptista, capitão de engenheria, Lisboa, 1899. n.os 51 e 52 do vol. IX, com variada e escolhida collaboração sobre assumptos militares.

Gazeta dos Caminhos de Ferro *de Portugal e Hespanha contendo uma parte official por despacho de 5 de março de 1888 do ministerio das obras publicas*, etc. proprietario-director L. de Mendonça e Costa, engenheiro-consultor C. Xavier Cordeiro. Lisboa, n.º 48, 2.º anno com que completa dois de publicação este periodico unico que, no seu genero se publica em Portugal e cuja utilidade está sendo reconhecida pelo commercio, a que presta bons serviços.

Aos nossos assignantes

Concluindo com este numero o 12.º anno de publicação do Occidente, cumpre-nos agradecer a todos os srs. assignantes o auxilio que têem prestado a esta Empreza, animando-a a proseguir na sua propaganda em favor da litteratura e da arte portuguezas.

Egual agradecimento deve esta Empreza a todos os seus correspondentes, que tão obsequiosamente a têem coadjuvado na propaganda do Occidente, concorrendo todos para que esta illustração, seja considerada o primeiro periodico illustrado do paiz, pela grande circulação que tem alcançado em Portugal, na Africa, Brazil e mais paizes estrangeiros.

A' imprensa em geral tambem agradece todas as referencias assaz lisongeiras que o Occidente lhes tem merecido, e com que esta Empreza se considera bem compensada dos sacrificios que tem feito, para cumprir a sua missão civilisadora.

Animada esta Empreza por tão valiosos auxilios e louvores, é que vae encetar o 13.º anno de publicação do Occidente, seguindo o programma até hoje observado, e confiando que continuará a merecer os mesmos favores porque se confessa reconhecida.

A Empreza.

Adolpho, Modesto & C.ª — impressores